

Quatro “Sonetos sobre a Morte”, de Jean de Sponde

Four “Sonets of Death”: of Jean Sponde

Autoria: Guilherme Cunha Ribeiro

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2783-2355>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3391463939671855>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.198933>

URL do artigo:

<https://www.revistas.usp.br/opiniaes/authorDashboard/submission/198933>

Recebido em: 13/06/2022. Aprovado em: 15/06/2022.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 11, n. 20, jan.-jul., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

 fb.com/opiniaes  @revista.opiniaes

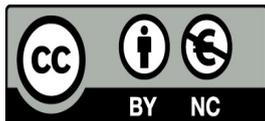
Como citar (ABNT)

RIBEIRO, Guilherme Cunha. Quatro “Sonetos sobre a Morte”, de Jean de Sponde. *Opiniões*, São Paulo, n. 17, pp. 381-391, 2022. DOI: [https://doi.org/10.11606/issn.2525-](https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.198933)

8133.opiniaes.2022.198933. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/198933>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

quatro “sonetos sobre a morte”, de Jean de Sponde

Four « Sonnets on Death » of Jean de Sponde

Guilherme Cunha Ribeiro¹

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.198933>

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e tradutor. Pesquisa e traduz a obra poética do francês Jacques Roubaud e, paralelamente, a poesia francesa do séc. XVI. Email para contato: guicunharibeiro@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2783-2355>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3391463939671855>.

Resumo

Neste trabalho, apresento as traduções de quatro "Sonetos sobre a morte", de Jean de Sponde (1557-1595) – os de número 1, 2, 5 e 6 – para o português brasileiro, a partir da perspectiva da tradução poética. Chamo aqui de tradução poética aquele ato tradutório cujo objetivo não é somente transmitir um significado, mas sobretudo ser uma *poiéin* (como os Gregos diriam), uma fabricação ou um fazer que corresponda à totalidade do poema e seus efeitos, em seu complexo fundo-e-forma. Apresento ainda, à guisa de introdução, algumas rápidas anotações biográficas a respeito deste poeta desconhecido.

Palavras-chave

Jean de Sponde. Tradução poética. Renascimento francês.

Abstract

In this work, I present four "Sonnets on Death", written by the French poet Jean de Sponde (1557-1595) – those numbered as 1, 2, 5 and 6 – which I translated to Brazilian Portuguese based on the perspective of poetic translation. Here I'm calling poetic translation the act of translation which is interested not only in conveying meaning, but in being a *poiéin* (as the Greeks would call it), a fabrication that may respond to the complex entity of a poem and its effects, considering both its form and content. In addition, I also include by way of introduction short biographical notes about this rather unknown poet.

Keywords

Jean de Sponde. Poetic translation. French renaissance.

Vida de Jean de Sponde: não é muito o que se conhece a respeito da vida de Jean de Sponde, poeta nascido no País Basco, na atual cidade de Mauléon-Licharre (à época Mauléon-sur-Soule, no Reino de Navarra), em 1557, e morto em Bordeaux, no dia 18 de março de 1595. Em seus breves trinta e oito anos, contudo, não faltaram nem as atribulações de uma vida deambulante nem a assídua convivência com os livros. Sponde vive quase toda a sua vida em meio às guerras de religião que sacudiram a França na segunda metade do século XVI; protegido de Henri de Navarre – no fim do século tornado Rei Henri IV – de Sponde, tal como seu mecenas e protetor, professa a fé reformada por que fora cercado no ambiente familiar. É certo que faz seus estudos em Bâle, na Suíça, e parece ter passado certo tempo em Toulouse; de todo modo, sua formação humanista o torna um conhecedor do grego e – como é natural, no seu tempo – do latim. Naquelas cidades, trava contato com um grupo de humanistas, entre os quais Theodor Zwinger (1533-1588), à época célebre, e Théodore de Bèze (1519-1605), o sucessor de Calvino e diretor religioso do poeta, com quem ele romperá por motivos desconhecidos. Neste período, também se envolve com a alquimia. Publica ao longo da vida uma série de comentários e traduções em latim de autores gregos, como Homero, Hesíodo, Aristóteles, assim como uns Fragmentos políticos dos Pitagóricos, entre outros. É preso quatro vezes ao longo das guerras de religião, mas os detalhes escapam à historiografia; sabe-se de uma prisão em Paris, em 1589, provavelmente feita por integrantes da *Ligue* católica; e de outra, em Orléans, em 1593, cujos detalhes são desconhecidos. Após a conversão de Henri IV, seu senhor, ele também se converte ao catolicismo, fato que cria uma onda de polêmicas e acusações em torno do seu nome, da parte dos reformados, entre os quais podem-se contar como exemplo as acusações de outro poeta, Agrippa d’Aubigné. Como resposta, publica uma *Déclaration des principaux motifs qui induisent le Sieur de Sponde... à s’unir à l’Église Catholique Apostolique et Romaine*, libelo em que defende sua conversão. Depois de uma série de frustrações profissionais na corte e na magistratura, termina a vida em Bordeaux, onde escreve uma obra de teologia em que pretende refutar as teses de seu antigo mentor, Théodore de Bèze, intitulada *Réponse au traité des Marques de l’Église*, inacabada. Em síntese, é como “helenista, [...], jurista, alquimista, magistrado à serviço do rei de Navarra, convertido, teólogo e polemista” (RUCHON, 1949, p. 78) que é conhecido por sua época².

Mas é como poeta que volta, aos poucos, a ser lembrado pela nossa, pelo menos desde a redescoberta que dele faz o romanista inglês Alan de Boase, que, na esteira da reavaliação dos poetas ditos “metafísicos” e do chamado “barroco” europeu, desencava este personagem da poeira dos arquivos da Biblioteca Nacional da França e o traz à luz do dia, em 1939, na revista inglesa *Criterion*, de nº 39. Entre seus versos em francês, contam-se 26 sonetos de amor, algumas *Stances*, Elegias e *Chansons*, as *Stances du Sacré Banquet et Convive de Jesus Christ*, o *Hymne à Sainte-Genéviève* e os 12 sonetos sobre a morte, dos quais traduzo quatro aqui.

Para o leitor interessado em aprofundar o contato com a obra do poeta, recomendo o volume das Poesias, organizado por François Ruchon e Alan Boase (1949). Ele pode encontrar também os estudos críticos de Terence Cave (1969)

² Todas as informações biográficas recolhidas aqui se devem ao *Essai sur la vie de Jean de Sponde 1557-1595*, de François Ruchon (in: SPONDE, Jean de. *Poésies*. Alan Boase et François Ruchon [ed.]. Col.: Les trésors de la littérature française. Éditions Pierre Cailler : Genebra, 1949), que é um dos prefácios às “poesias completas” do autor.

sobre a poesia religiosa e devota francesa ou o panorama introdutório da poesia renascentista francesa de François Rigolot, *Poésie et Renaissance* (2002). Uma extraordinária antologia dos sonetos de poetas da Renascença, de Marot a Malherbe, entre os quais se incluem muitos poetas desconhecidos do público em geral e extremamente interessantes, como Sponde, é a publicada por Jacques Roubaud, *Le Soleil du soleil* (1999).

Nota sobre a tradução: trago aqui traduzidos os sonetos 1, 2, 5 e 6, que integram uma série de doze sonetos sobre a morte³. Todos eles trabalham os temas da inconstância da vida humana, oposta à constância da vida eterna, e da inconsciência ou irreflexão com que os homens levam suas vidas, a partir do ponto de vista cristão que era o de Sponde e da sociedade de sua época. Esse meu esforço toma o partido da tradução poética, apoiada em duas bases fundamentais: de um lado, a busca por corresponder tanto quanto possível ao complexo forma-e-conteúdo – que estrutura qualquer poema – do original, buscando me manter próximo do esquema de rimas, do alexandrino, da textura sonora e do jogo antitético de sentido que são marcas dele⁴; e, de outro lado, a busca por traduzir esses sonetos numa linguagem que não procure emular sua época, mas que se faça presente, contemporânea, transmissível, sem contudo perder alguns dos volteios sintáticos que são característicos tanto da época quanto do autor.

Os muitos sotaques ou dialetos regionais que dão corpo à rica variedade linguística brasileira estruturam de modos diferentes os usos pronominais; usar o “tu” e variantes para conversar com alguém em Belém ou Porto Alegre é prosaico, corriqueiro, e não traz nenhuma das notas arcaizantes que esse pronome carrega para ouvidos do Sudeste. Todavia, é inevitável que um tradutor leve consigo suas experiências vivenciais para a tradução e, nesse caso, é claro que elas incluem a variante na qual este tradutor cresceu e com a qual se comunica (no meu caso, o “mineiro”). É por isso que, sob este último aspecto, escolho usar o pronome pessoal “você”, em lugar do “tu” ou do “vós”, escolha que pode parecer à primeira vista deslocada, mas que se justifica na medida em que estes outros pronomes carregam, em minha variante, aquelas notas arcaizantes que mencionei. Não é este o intuito da minha tradução, ainda mais quando se considera o jogo entre o “estilo falado” e a linguagem elaborada que Sponde encena nos seus poemas, como bem notou Boase (1949). De todo modo, qual no meu caso a vantagem em usar estes pronomes que justifique a paralela desvantagem de encerrá-los no antiquário, nas poéticas idas e envelhecidas em português, se o ponto é justamente fazê-los uma vez mais comunicáveis? É certo, contudo, que esta escolha traz consigo certos problemas: a alternância entre os pronomes oblíquos, possessivos e pessoais pode criar ambiguidades. É costume no atual português brasileiro (pelo menos do Sudeste) dizermos “seus óculos”, por exemplo, podendo nos referir aos “óculos dele” ou aos

³ Sigo o texto fixado por Boase (1949), além dos comentários de Baïche (1986).

⁴ Sem dúvida, devo reenviar o leitor interessado em aprofundar-se nos problemas da tradução poética esboçados aqui aos trabalhos do poeta e tradutor Paulo Henriques Britto, para quem a noção de “correspondência” é eixo do ato tradutório. Não a subscrevo em seu todo; mas, seja como for, ela é um bom ponto de partida para se pensar a tarefa do tradutor de poesia. De todo modo, a tradição teórica e prática brasileira é ampla, variada, rica – e muito comentada. Espero incluir alguns apontamentos sobre a questão na minha dissertação – portanto, só me cabe (um tanto narcisicamente) pedir ao leitor que se pergunta o que exatamente eu defendo aqui que aguarde os próximos capítulos.

“óculos de você”, digamos assim. Tento escapar desse problema ao usar formas mistas: assim conjugo “você” com os pronomes possessivos de segunda pessoa, “teu” e variantes; e “seu” e variantes ficam limitados à referência a uma terceira pessoa do singular (ou plural). Aliás, esse é um assunto com o qual os poetas e tradutores – de dialetos do português nos quais “você” assumiu de vez o lugar da segunda pessoa do singular – têm de lidar, sob o risco de cada vez mais afastarem-se do brasileiro falado e darem ao poema ares de língua nefelibata, de poucos, geração de 45, parnasianismo – no mau sentido dos termos. Problema para o qual ainda não consigo dar resposta firmada, mas somente elaborar esta minha proposta como hipótese de trabalho.

Uma outra questão, que diz respeito àquele primeiro aspecto da minha orientação tradutória – a saber, a tentativa de correspondência formal entre tradução e original – se reporta ao problema da rima. Em muitos casos, na impossibilidade de uma rima consoante completa que não afetasse muito as outras camadas de que o poema se compõe (imagens, registro da linguagem, sentido, ritmo, entre outras), preferi optar por rimas menos consoantes, mas ainda harmônicas. No primeiro soneto, por exemplo, é o caso de rimas como vida/dívida, ou então tesouros/corpo/mortos/remorso. E assim nos sonetos 5 e 6. Em todas elas, o leitor vai notar, há uma proximidade que nunca se completa como repetição consoante; mas elas tampouco se restringem a relações ou rimas toantes, já que há uma série de outras similaridades, ora fônicas, ora visuais, que torna mais cerrada a ligação sonora entre elas. Me parece que, nesses casos, as perdas são menores que os ganhos.

Por fim, pois que estamos num volume com dossiê dedicado à obra de Cecília Meireles, gostaria de destacar outro ponto. No soneto 6, é o título antitético, o extraordinário neologismo de um dos últimos livros da poeta carioca que me sugeriu uma saída para o impasse da rima com “sombra”, que ocupava uma posição central no poema. Por isso, sinto-me na liberdade de citar um dos versos de um poema deste livro, *Solombra*, de 1963 (cf. MEIRELES, 1991, p, 717), que poderia muito bem servir de epígrafe aos poemas de Jean de Sponde:

“Sobre um passo de luz outro passo de sombra”.

Quatro sonetos sobre a morte, de Jean de Sponde

1

*Mortels, qui des mortels avez pris vostre vie,
Vie qui meurt encor dans le tombeau du Corps,
Vous qui rammoncelez vos thresors, des thresors
De ceux dont par la mort la vie fust ravie :
Vous qui voyant de morts leur mort entresuyvie
N'avez point de maisons que les maisons des morts,
Et ne sentez pourtant de la mort un remors,
D'où vient qu'au souvenir son souvenir s'oublie ?
Est-ce que vostre vie adorant ses douceurs
Deteste de penser de la mort les horreurs,
Et ne puisse envier une contraire envie ?
Mortels, chacun accuse, & j'excuse le tort
Qu'on forge en vostre oubli. Un oubli d'une mort
Vous monstre un souvenir d'une eternelle vie.*

1

Mortais, que dos mortais usurpam a vida,
Vida que ainda morre na cova do Corpo,
Vocês que acumulam mais tesouros, tesouros
De quem com a morte pagou a vida e sua dívida:
Vocês, vendo de mortos a morte revivida,
Só possuem como casa as casas dos mortos,
E da morte contudo não sentem remorso,
Donde vem que o lembrar seu lembrar olvida?
Será que a vida sua adorando seus dulçores,
Se recuse a pensar da morte os horrores,
E não possa ansiar por uma ânsia invertida?
Mortais, cada qual acusa, e desculpo a sorte
Da deslembração tua. Deslembrar uma morte
Mostra-lhes o lembrar de uma eterna vida.

2

*Mais si faut-il mourir & la vie orgueilleuse,
Qui brave de la mort, sentira ses fureurs ;
Les Soleils haleront ces journalières fleurs,
Et le temps crevera ceste ampoule venteuse.
Ce beau flambeau qui lance une flamme fumeuse,
Sur le verd de la cire esteindra ses ardeurs ;
L'huyle de ce Tableau ternira ses couleurs,
Et ces flots se rompront a la rive escumeuse.
J'ai veu ces clairs esclairs passer devant mes yeux,
Et le tonnerre encor qui gronde dans les cieux,
Ou d'une ou d'autre part esclattera l'orage.
J'ai veu fondre la neige & ses torrents tarir,
Ces lyons rougissants, je les ay veu sas rage.
Vivez, hommes, vivez, mais si faut-il mourir.*

2

Mas se morrer se deve & a vida orgulhosa
Que desdenha da morte, sentir seus furores;
Os Sóis hão de crestar as diárias muitas flores,
E o tempo há de quebrar esta ampola ventosa.
Esta bonita flama que lança chama fumosa,
Sobre a verde cera há de apagar seus ardores;
O óleo deste Quadro embaçará suas cores,
E as ondas quebrarão na margem escumosa.
Eu vi claros clarões passarem adiante,
E o trovão nos céus ainda ressonante;
Lá, o temporal troa deste ou doutro lado.
Eu vi o caudal secar & vi fundir a neve,
Estes leões vermelhos já vi sossegados,
Vivam, ó homens, vivam, mas se morrer se deve.

5

*Helas ! comtez vos jours : les jours qui sont passés
Sont desja morts pour vous, ceux qui viennent encore
Mourront tous sur le point de leur naissante aurore,
Et moytié de la vie est moytié du decez.
Ces desirs orgueilleux pesle mesle entassez,
Ce cœur outrecuidé que vostre bras implore,
Cest indomtable bras que vostre bras adore,
La Mort les met en geine, & leur fait le procez.
Milles flots, mille escueils, font teste a vostre route,
Vous rompez a travers mais a la fin sans doubtte
Vous serez le butin des escueils, & des flots.
Une heure vous attend, un moment vous espie,
Bourreaux desnaturez de vostre propre vie,
Qui vit avec la peine, & meurt sans le repos.*

5

Ai! contem as tuas horas, as horas idas
Pra vocês estão mortas, e as que vêm agora
Todas hão de morrer no pino da aurora;
É metade da morte a metade da vida.
Estes desejos empilhados sem medida,
Este soberbo peito que teu braço implora,
Este indomável braço que teu peito adora,
A Morte os suplicia, & julga sua dita.
Mil ondas, mil escolhos, testam teu pouso,
Vocês os atravessam, mas no fim das contas
Vocês serão o espólio de escolhos, & ondas.
Uma hora os espera, um momento os avista,
Desnaturais carrascos de tua própria vida,
Que vive com a pena, & morre sem repouso.

6

*Tout le monde se plainct de la cruelle envie
Que la Nature porte aux longueurs de nos jours :
Hommes, vous vous trompez, ils ne sont pas trop courts,
Si vous vous mesurez au pied de vostre vie.
Mais quoy ? Je n'entends point quelqu'un de vous die :
Je me veux despestrez de ces facheux destours,
Il faut que je revole a ces plus beaux sejours,
Ou sejourne des Temps l'entresuite infinie.
Beaux sejours, loin de l'œil, prez de l'entendement
Au prix de qui ce temps ne monte qu'un moment
Au prix de qui le jour est un ombrage sombre
Vous estes mon desir : & ce jour, & ce Temps,
Où le Monde s'aveugle et prend son passetemps,
Ne me seront jamais qu'un moment, & qu'une Ombre.*

6

*Todo mundo se queixa da inveja vil
Que a Natureza tem de nossas horas magras;
Homens, vocês se enganam, elas são bem largas
Se o metro de vocês for o pé de tua vida.
Mas ora! ninguém fala, ninguém há que diga:
Quero me liberar dos atalhos e estradas,
Eu devo revoar a mais belas moradas,
Onde mora dos Tempos a suíte infinda.
Belas estadas, sem o olho, co' entendimento,
Em cujo preço o tempo só volta um momento,
Em cujo preço o dia é uma solombra.
Vocês são meu desejo, & este dia & Tempo,
Onde o Mundo se cega, se perde em passatempo,
Para mim são somente um momento, & Sombra.*

referências bibliográficas

BAÏCHE, André. Pour mieux lire Jean de Sponde. Considérations sur le texte de ses poèmes. In: *Littératures*, Paris, vol. 15, p. 45-57, 1986. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/litts_0563-9751_1986_num_15_1_1879.

BOASE, Alan. Etude sur les poésies de Jean de Sponde. In: SPONDE, Jean de. *Poésies*. Alan Boase et François Ruchon [ed.]. Col.: Les trésors de la littérature française. Éditions Pierre Cailler: Genebra, 1949.

CAVE, Terence. *Devotional poetry in France. c. 1570-1613*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1991.

RIGOLOT, François. *Poésie et Renaissance*. Paris : Seuil, 2002.

ROUBAUD, Jacques (org.). *Le Soleil du soleil: Anthologie du sonnet français de Marot à Malherbe*. Paris: Éditions Gallimard, 1999 [1990].

RUCHON, François. Essai sur la vie de Jean de Sponde 1557-1595. In : SPONDE, Jean de. *Poésies*. Alan Boase et François Ruchon [ed.]. Col.: Les trésors de la littérature française. Éditions Pierre Cailler : Genebra, 1949.

SPONDE, Jean de. *Poésies*. Alan Boase et François Ruchon [ed.]. Col.: Les trésors de la littérature française. Éditions Pierre Cailler: Genebra, 1949.